

ADMINISTRAÇÃO ESPECÍFICA

Diretrizes para o Ensino Agrícola

NEWTON BELLEZA

(Superintendente do Ensino Agrícola e Veterinário do M.A.)

COM as suas atribuições de caráter normativo para a educação aplicada à agricultura e a sua incumbência de ministrar diretamente, ou fiscalizar, esse ramo de ensino, em todos os seus graus e modalidades, é a Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário uma das mais complexas e diferenciadas dependências do Ministério da Agricultura. Além de submeter-se às normas estabelecidas para a administração pública, desconhece limites quanto aos assuntos de interesse agrícola uma vez que todas as especialidades estão dentro de seu âmbito, e tem de obedecer aos princípios que regem todo empreendimento educacional.

Variados, por-consequente, são os aspectos pelos quais se poderia fazer uma apreciação das diretrizes aconselháveis ao andamento de seus trabalhos que, pela sua complexidade, como se vê, estão na dependência de múltiplos fatores. Acontece, todavia, que, propondo-se, em suma, a obter uma modificação para melhor na vida do homem rural, é o aspecto educativo o que mais importa nas suas funções, merecendo por isso a atenção destes comentários.

Antes de tudo, para que se torne a Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário o órgão realizador e estimulador da educação do homem rural, encarada realmente no seu todo, garantia de uma integração ao meio, às formas convenientes de suas atividades e à própria vida — componentes esses que são pedagogicamente inseparáveis —, não deve restringir os seus trabalhos à formação das novas gerações pelos cursos regulares como tem acontecido. Os frutos de uma educação dada somente aos que se acham dentro da chamada "idade escolar", atingindo infância e adolescência, só persistirão, em grande parte, na medida em que os que se acham fora dela recebam também assistência educativa apropriada, através de instrumentos de difusão que diariamente os atinjam, reajustando-os às suas constantes e movediças necessidades de melhor adaptação à vida.

Pela educação extensiva, que procura atingir o ser humano de todas as idades e ambos os sexos, quer no seu próprio ambiente de trabalho, quer atraindo-o à participação nas atividades da escola, podem ser beneficiados todos os habitantes rurais. Essa educação de sentido horizontal, que consegue envolver e modificar a conduta dos que já não freqüentam a escola, assume cada vez mais importância no conjunto de toda obra educativa, não se compreendendo mais que as atividades de um estabelecimento de ensino se limitem aos cursos regulares de sentido vertical, ministrados dentro de quatro

paredes. Compete à escola projetar-se sobre a comunidade a que serve, tornando-se o núcleo de tôdas as suas atividades, ao mesmo tempo em que receba a influência dessa própria comunidade quanto a interesses, costumes e aspirações coletivas. A educação extensiva deve exercer-se paralelamente com a educação escolar e, uma vez que se destina a atingir a massa, não pode deixar de exercer-se em muito maiores proporções do que a própria educação escolar.

Em nosso país sobretudo, onde, pela enorme extensão territorial e pouca densidade de população, é inevitavelmente rarefeita a obra de educação escolar, e onde por-consequente são numerosos os agricultores que nunca se beneficiaram de estudos e aprendizagens regulares e oportunos, cresce de importância a utilização desse recurso educativo, que se traduz, do ponto de vista sociológico, numa espécie de aculturação provocada entre um tipo de cultura técnica e um tipo de cultura primitiva ou abandonada que se procura substituir ou modificar. Seja pela ação direta sobre o meio que circunda a escola, seja por prolongamentos tecnicamente organizados que atuem à distância, já obedece esse tipo de educação de longo alcance, cujos efeitos são de incomensurável amplitude, a métodos que a experiência de sua aplicação conseguiu mais ou menos sistematizar.

O sentido social é que, neste momento, melhor traduz as tendências da educação, não só quanto ao direito da coletividade à participação de seus benefícios, como quanto à vida interna de cada estabelecimento de ensino. A escola já teve o livro, passou em seguida a ter a criança e tem hoje a própria vida como centro de seus interesses e atividades. A sua organização deve ser portanto, de tal forma que abranja tôdas as formas de atividades que integram a vida humana: atividades físicas, higiênicas, culturais, afetivas, religiosas, recreativas e sociais para com a família, para com a comunidade e para com a pátria. A garantia de funcionamento dessas atividades com expressão social só se pode obter quando educandos, professores, funcionários e membros da própria comunidade se congregam para uma vida em comum, desempenhando em comum as atividades características, selecionadas, de tôda a vida do conjunto social. Por meio de centros sociais rurais, que funcionem junto à escola como verdadeiros laboratórios da sociedade humana ter-se-á criado o ambiente indispensável à integração do homem (alunos, professores, membros da comunidade) ao seu meio e à sua própria vida.

Se se tivesse de opinar sobre o maior defeito da educação brasileira, de modo geral, não se deveria ter dúvida em dizer que ele reside no fato de a escola funcionar como simples sala de aula, nos limites de quatro paredes, realizando uma obra de mera alfabetização livresca e formal, inteiramente desligada e despercebida do que são os anseios, os costumes, as necessidades, as aspirações e as formas de vida dos nossos semelhantes. Fornece-se ao educando o instrumento indispensável à vida moderna, sob a forma abstrata de conhecimentos gerais, mas não se lhe ensina o manejo desse instrumento no ambiente adequado, que é a vida. E esquecemo-nos de que dessa forma não se realiza nenhuma aprendizagem útil uma vez que o homem só aprende na medida que é um ser social. Em verdade, depois de ensinar-nos a escola a ler e a escrever, temos a sorte de encontrar na própria vida, de que se acha a escola divorciada, as pessoas experimentadas que nos ensinam a viver, pois que a educação é um processo de transmissão no regime de vasos comunicantes da vida social.

Dentre tôdas as formas de atividades a serem exercidas pelos educandos, sobressaem nas escolas de agricultura as que dizem respeito às atividades agrícolas, pela natureza curricular de que então se revestem. A aprendizagem não é uma simples informação que se pode transmitir aos alunos sentados formalisticamente em suas carteiras, como ouvintes, por mais atentos que êles sejam. Muito acima e muito mais profunda do que a informação, a aprendizagem só se obtém pela incorporação de novas experiências aos próprios atos e, em grau mais avançado, à própria conduta. Devem, portanto, os alunos participar intimamente de todos os trabalhos agrícolas efetuados na escola, para que se tornem conhecedores dos assuntos cujos ensinamentos se lhes pretende ministrar. Não se pode também deixar de ter em mira que a agricultura é uma atividade econômica, requerendo métodos de natureza econômica para a sua verdadeira aprendizagem. E' preciso, por exemplo, que os alunos aprendam horticultura não somente praticando a horticultura, mas praticando horticultura com uma horta que produza renda, que façam avicultura, mas a façam num aviário que tenha os seus proveitos assegurados num consumo remunerativo; que cultivem diretamente milho, arroz, feijão, cujas colheitas se traduzam em valores esla-recidos pela contabilidade. Donde se conclui que é indispensável haver produção agrícola comercial nos estabelecimentos de ensino agrícola, como instrumento de formação profissional dos educandos.

Não estará ainda completa a obra de educação das populações rurais, mesmo que se realize com a amplitude com que foi exposta, se não forem concedidas à mulher rural as mesmas oportunidades educativas até aqui dispensadas ao homem rural. São, em verdade, inúmeras as escolas já existentes para rapazes enquanto não passam do terreno das tentativas as que vêm funcionando, em número reduzido, para as moças. A educação para a economia rural doméstica, além da igualdade de direito da mulher de ingressar em nossas escolas de agricultura habitualmente freqüentadas só pelos rapazes, apresenta-se como um dos pontos mais significativos na obra de promover e estimular a educação das nossas populações rurais. A mulher é o núcleo das atividades da família que, por sua vez, é o núcleo da vida nas comunidades. Sem o seu concurso não será, portanto, possível obter-se a transformação rápida e eficiente do meio rural para uma vida melhor. A preparação da mulher do campo para uma existência condigna, com o esclarecimento de seu papel na economia e na civilização brasileira, é obra que se impõe inadiavelmente para que possamos vir a ter consolidadas a nossa economia e a nossa civilização.

Se examinarmos atentamente o regime de educação agrícola que prevalece entre nós, sobretudo para os rapazes, em que, com o internato como regra, se ministra a cultura geral simultâneamente com a formação profissional, veremos que ela exige instalações e manutenção dispendiosíssimas. Dentre os estabelecimentos mantidos pelo govêrno federal há alguns cujo patrimônio atinge cêrca de Cr\$ 50.000.000,00 enquanto os mais modestos não dispensam um mínimo de Cr\$ 10.000.000,00 para uma instalação que lhes assegure eficiência. As escolas mais desenvolvidas consomem, além disso, até Cr\$ 8.000.000,00 anualmente, para a sua manutenção, sendo que essas despesas, em média, montam a cêrca de Cr\$ 4.000.000,00 por unidade, nos orçamentos federais. Urge, por-consequente, que sejam tentados outros meios mais econômicos de educar a mocidade que precise de habilitação para as atividades

agrícolas, de maneira a encontrar-se uma fórmula que torne possível, pelo seu baixo custo, a difusão de um empreendimento que possa favorecer uma população rural que representa cerca de 70 % de nossa população total e que se acha dispersa pela imensidade de nossa extensão territorial.

Teremos a chave para a solução desse problema com a observação do que se passa nos Estados-Unidos da América do Norte, onde é generalizado um tipo de educação profissional complementar junto às escolas secundárias, destinada a atividades agrícolas, domésticas, comerciais e industriais. Depreende-se que esse tipo de formação profissional é muito mais econômico do que o nosso porquanto as respectivas instalações e custeio são também em caráter complementar e em pequena escala, com exclusão de tudo o que se destinaria à cultura geral. As próprias práticas, no que se refere aos cursos de agricultura, são efetuadas em regime de cooperação com os proprietários agrícolas da circunvizinhança, pelo método dos projetos, que habilita os educandos à sensação de lucros auferidos, para que são estimulados por meio de competições.

Sem alteração imediata no andamento dos trabalhos educativos predominantes entre nós, será de toda a conveniência introduzir-se em nosso meio, a título experimental em começo, essa modalidade de educação profissional, que se chama nos Estados-Unidos da América do Norte de *vocational education*. Em igualdade de condições quanto aos recursos financeiros disponíveis, permite essa modalidade de educação profissional a manutenção de muito maior número de unidades escolares, possibilitando a multiplicação de cursos profissionais agrícolas que poderão, além disso, atender às necessidades também dos pontos mais distantes do país, onde já existam escolas secundárias. Como é mais baixo, de modo geral, o nível cultural do nosso homem do campo do que o dos Estados-Unidos, haverá aqui, evidentemente, muito menor número de escolas secundárias nas zonas rurais do que lá, o que aconselha experimentar-se também esse tipo de formação profissional em nível mais baixo, junto às escolas primárias. Para a execução de um programa dessa natureza será de inestimável valor a colaboração que está sendo solicitada, de educadores especializados norte-americanos, através do Escritório Técnico de Agricultura, que se acha em funcionamento entre nós mediante um convênio assinado entre os Governos brasileiro e norte-americano.

A seleção de candidatos para o ingresso em nossas escolas de agricultura, que se tem limitado a provas de conhecimentos gerais, vem apresentando erros e desvios lamentáveis uma vez que ainda não se levou em conta a orientação profissional. Acontece mesmo que, embora se destinem as escolas de agricultura primordialmente a educar filhos de agricultores, é preponderante o número de matriculados de origem urbana. Possuindo os candidatos de origem urbana melhores conhecimentos gerais em virtude de serem mais eficientes as escolas urbanas que freqüentaram, sob esse aspecto levarão sempre vantagens sobre os candidatos de origem rural. Não são, contudo, os conhecimentos gerais que definem o nível de desenvolvimento mental, que é o que mais importa aferir numa seleção dessa natureza. E um rapaz de interior pode, conquanto com poucos conhecimentos gerais, ter um bom nível de desenvolvimento mental. Introduzindo-se, pois, na admissão, além das provas de conhecimentos gerais, a aplicação de testes de nível mental e testes vocacionais para a agricultura, corrige-se o erro pedagógico que se vinha cometendo de aferição de conheci-

mentos gerais sem o nível de desenvolvimento mental e com desprezo da orientação profissional. Oferecem-se dêsse modo, maiores possibilidades de admissão aos candidatos de origem rural, sem apêlo ao recurso de imposição de privilégios, como seria, por exemplo, a resolução de preestabelecer-se percentagem menor para o ingresso de candidatos de origem urbana. Pode, em verdade, acontecer que um rapaz procedente do campo não revele aptidões para a agricultura enquanto outro procedente da cidade as possua em alto grau. A solução, pois, mais indicada para o problema é a que decorre de um critério científico na seleção dos candidatos, a ser posto em prática daqui por diante, na medida do possível, pois que o emprêgo dê testes exige pessoal especializado, cuja preparação tem de ser feita criteriosamente.

Conquanto não o pareça à primeira vista, as edificações escolares acham-se em estreita ligação com os princípios pedagógicos a serem aplicados nas instituições educacionais. Os edifícios, como o mobiliário que os enche, condicionam hábitos e formas de atividade e de viver que podem estar em desacôrdo com a obra educativa que se empreende. Os imensos dormitórios coletivos, utilizados em caserna para fins militares, não são adequados à educação, embora esteja o seu uso generalizado em nosso país. O ambiente educativo por excelência é o lar, que estabelece o convívio de pequenos grupos humanos que se entendem e se estimam, firmados os seus componentes num denominador comum que tende a garantir a sua indissolubilidade. Dessa forma, em vez dos imensos dormitórios coletivos, está sendo adotado nas edificações para o ensino agrícola um tipo de alojamento-lar, que permite a associação de pequenos grupos homogêneos em conjugação com a casa de família de um professor ou funcionário. Além de se criar para os educandos um ambiente próximo ao ambiente do lar, fica também facilitada, em todos os tempos, a acomodação de grupos diversos, como adultos, adolescentes, senhoras, etc., que se hospedam nas escolas nos casos de cursos de outras naturezas, de curta duração e para os mais variados fins, que devem ser ministrados a agricultores de ambos os sexos e tôdas as idades, simultâneamente ou alternadamente, com os seus cursos regulares.

A educação extensiva, as atividades sociais, o sentido econômico de exploração da terra, a formação feminina para a vida rural, a experiência de cursos vocacionais para a agricultura e para a economia rural doméstica, a adoção de processos científicos para a seleção de candidatos e a racionalização dos edifícios escolares — constituem os pontos que mais devem merecer atenção num programa de ensino agrícola, sob o ponto de vista de melhor, mais adequado e mais econômico funcionamento das instituições educativas na especialidade. Não foi considerado o aspecto estrutural da educação para a agricultura, não só porque seria objeto de considerações intermináveis, em vista sobretudo de seu entrosamento como peça de todo o sistema educacional, como porque somos de parecer que o que mais importa é justamente o aspecto funcional, fisiológico, que define substancialmente a natureza e a eficiência do ensino. De qualquer forma, pode daí resultar também a lição de que, admitindo-se como boa uma determinada estrutura isto queira dizer que seja bom o seu funcionamento. Não será, pois, aconselhável que se preocupem tanto os educadores com a estrutura do ensino, despreocupando-se, como se têm despreocupado, do bom funcionamento das escolas.

SUMMARY

The complexity of the Superintendence of Agricultural and Veterinary Education stressed by the A. as it not only directly administers schools of all levels and types within its field but also supervises and fiscalizes schools supported and maintained by other agencies.

The advisable policies of the Superintendence should aim at the following:

(1) *To provide an extensive education. Regular courses offered to a crientele of school age not enough if the Superintendence is intended as an agency for the education of rural man. The ever-increasing importance of an extensive or horizontal education, viz., for all age groups.*

(2) *To promote social activities. The influence of a life-centered school as contrasted with the merely child-centered school or the older book-centered school. The school as a community centre.*

(3) *To foster the economic exploitation of the soil. The school to be engaged in actual productive work. Profitmaking for the benefit of the students.*

(4) *To advance the education of the woman for the rural community and also for rural home economics. The school to attract and enroll women. Rural home economics as an essential part of the school programme.*

(5) *To create a system of vocational education for agriculture and rural home economics. The system of boarding schools existing in Brazil is too costly. The possibility of being included a vocational agricultural and home economics — course — in the secondary schools, to be offered beyond the fundamental curriculum. The American experience in the field.*

(6) *To adopt a scientific programme for the selection of applicants for the vocational schools. Such testing programme as a means of diagnosing aptitudes, to supersede the academic type of entrance examination of to-day which fails to do justice to rural candidates.*

(7) *To rationalize the school buildings that must possess a home-like atmosphere. The house system well-interpreted as consistent with democratic living against the prevailing military type of collective dormitories, to be discontinued.*

* * *

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

“O livro é lição e exemplo. E’ luz e revelação. Fortalece as esperanças que já se desfazem; sustenta e dirige as vocações nascentes que buscam seu caminho através das sombras do espírito e as dificuldades da vida.

O jovem obscuro pode galgar até ao renome imperecível conduzido, como Franklin, pela leitura solitária.

Ensinemos a ler e leiamos. O alfabeto que a criança soletra é o vínculo vivificante na tradição do espírito humano; é o marco que lhe dá a chave do livro que o associa à vida universal.

Leiamos para sermos melhores, cultivando os nobres sentimentos, ilustrando a ignorância e corrigindo nossos erros, antes que estes, com prejuízo nosso e de outros, se convertam em novos atos.” (Nicolas Avellaneda, 1837-1885).

(Colaboração da R.S.P. para a Campanha de Educação de Adultos).